

O banimento equivocado das sacolas plásticas

MIGUEL BAHIENSE

Com o objetivo de estimular práticas ambientalmente corretas, alguns entes da Federação têm buscado à utilização de sacolas plásticas, alternativas que acabam gerando graves problemas para o próprio meio ambiente, a saúde pública e os consumidores.

Em Belo Horizonte, por exemplo, uma lei que proíbe a distribuição das sacolas pelo varejo a partir de abril está provocando reações adversas. A intenção é incentivar o uso de alternativas como carrinhos, caixas de papelão, sacolas recicladas, sacolas retornáveis (chamadas de ecobags). Entretanto, alguns supermercados estão repassando o custo que antes assumiam com as sacolas plásticas e passaram a vender sacolas biodegradáveis feitas de amido de milho a R\$ 0,19 a unidade.

Evidentemente, os consumidores estão descontentes com o fato de terem que arcar com um custo adicional e, muitas vezes, com o fato de serem obrigados a usar um único tipo de embalagem imposto a eles, sem terem o direito de escolha. Sacolas plásticas são hoje um sinônimo, não apenas de praticidade, mas também de economia. É comprovado que 100% das donas de casa as reutilizam em seu lixo doméstico, deixando de comprar sacos de lixo. Assim pergunto: é justo que o consumidor fique sem a embalagem que escolheu como a mais prática, mais versátil no quesito reutilização e a que gera maior economia?

Outros estabelecimentos de varejo tiram proveito e vendem ecobags sem informar a população sobre a necessidade de limpá-las constantemente para evitar contaminação. Alguns ainda distribuem caixas de papelão sem higienizá-las previamente.

Em Jundiaí, os supermercados tiraram voluntariamente as sacolas plásticas de circulação, porém com os mesmos problemas registrados em Belo Horizonte. Evidentemente, os consumidores que antes tinham nas sacolas plásticas uma alternativa segura de reuso para o acondicionamento dos resíduos domésticos, agora improvisam embalagens frágeis e permeáveis ou simplesmente ressuscitam os anti-higiênicos latões de lixo, com evidentes prejuízos à saúde pública e ao meio ambiente.

A partir de julho, os supermercados do Espírito Santo se comprometeram a substituir as sacolas plásticas por embalagens biodegradáveis ou retornáveis, pressionados por lei estadual sancionada em 2007 ainda em vigor, mas que não foi cumprida pela maioria dos supermercados.

Estes fatos evidenciam o que a presidente Dilma Rousseff, o Ministério do Meio Ambiente, os ecologistas responsáveis e a cadeia produtiva do setor de plásticos vêm afirmando: o Brasil não deve banir as sacolas plásticas, mas sim acabar com o seu desperdício. Sacolas plásticas são impermeáveis, duráveis, econômicas, reutilizáveis e recicláveis. Em muitos casos, apresentam um ciclo de vida com menos emissões de carbono do que embalagens de outros materiais. São aprovadas pela ANVISA para contato com alimentos e ideais para acondicionar o lixo das residências e dos escritórios sem risco ao meio ambiente.

Para reduzir o desperdício de sacolas sem penalizar o consumidor, ajudando na preservação da saúde pública e do meio ambiente, foi criado o Programa de Qualidade e Consumo Responsável das Sacolas Plásticas. Em vigor desde 2008, nestes três anos ele já respondeu pela redução do consumo de 3,9 bilhões de sacolas. Em 2011, deverá resultar em mais 750 milhões de sacolas que deixarão de ser produzidas. Com isso, o percentual de redução de consumo das sacolas chegará a cerca de 26%, próximo da meta de 30% para 2012, estabelecida pelo programa.

Para chegar a esse resultado, a indústria passou a fabricar sacolas mais resistentes. Com isso, não se necessita mais colocar uma sacolinha dentro da outras para transportar produtos mais pesados. Grandes redes de supermercados aderiram, reduzindo a quantidade de embalagens distribuídas. Paralelamente, uma ampla campanha educacional, com a intensiva utilização das redes sociais, vem sendo desenvolvida para sensibilizar os consumidores a reutilizarem as sacolas ou as remeterem para a reciclagem, responsabilidade que deve ser compartilhada também com o governo e envolver a indústria no que se refere a melhorias nos processos industriais de reciclagem. Atualmente, espalham-se pelos supermercados do país Escolas de Consumo Responsável, mostrando aos que trabalham nos caixas das lojas como orientar os consumidores a não desperdiçarem as sacolinhas.

A outra parte da solução está na implementação de usinas que transformam os resíduos domésticos em energia, mediante processos totalmente limpos, em que os saquinhos reutilizados para lixo ajudam na combustão, economizando óleo combustível. Estas usinas, além de serem uma nova alternativa para a diversificação da matriz energética brasileira, resolverão o problema da superlotação dos atuais aterros sanitários.

É muito saudável que nasçam articulações entre a indústria, o varejo, o governo e os consumidores, com o objetivo de tornarmos o mundo ambientalmente mais sustentável. Elas terão pleno sucesso se forem implementadas com diálogo, embasamento técnico e respeito ao cidadão.

MIGUEL BAHIENSE é engenheiro químico, presidente da Plastivida Instituto Socio-Ambiental dos Plásticos e presidente do Instituto Nacional do Plástico-INP.